



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

O aprendizado do corpo como signo: análise documental sobre a semiologia médica ensinada em manuais médicos

Autoria: Gabriella Ferreira Nascimento Vicente (SMS), Gabriella Ferreira Nascimento Gabriela Granieri

A Semiologia Clínica é a disciplina que, no campo da saúde, interessa-se pelo estudo dos métodos e procedimentos do exame físico, tomando o corpo como gerador de signos, no mesmo sentido em que a Semiologia Geral se ocupa da palavra como geradora de signos. A decodificação desses signos efetua-se na pesquisa dos sintomas e dos sinais, em que o médico coordena todos os elementos que vão auxiliá-lo a construir o diagnóstico e a deduzir o prognóstico de doença. Assim, parte-se do princípio que o corpo é signo na medida em que comunica algo sobre a pessoa e o social da mesma forma como as tecnologias, o conhecimento, as práticas e os produtos científicos estão imbricados à cultura e à sociedade em numerosos modos constitutivos. Este poster apresenta dados de uma pesquisa intitulada Como se constrói um corpo em signo: Representações de Médicos no Diagnóstico em Cardiologia, que busca analisar, do ponto de vista histórico-antropológico, como estas transformações se deram na aplicação do método clínico, tanto no que se refere à leitura das mensagens corporais, seja do paciente-à-examinar à uma imagem-à-interpretar. Os dados aqui apresentados referem-se à análise documental através do exame de Tratados de Semiologia Clínica e de



Técnicas Diagnósticas utilizados na formação de médicos e enfermeiros. Os documentos estudados foram os manuais usados na disciplina de Semiologia Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dessa forma os dados discutem como os referidos manuais apresentam elementos socioculturais que abrigam os diagnósticos clínicos.



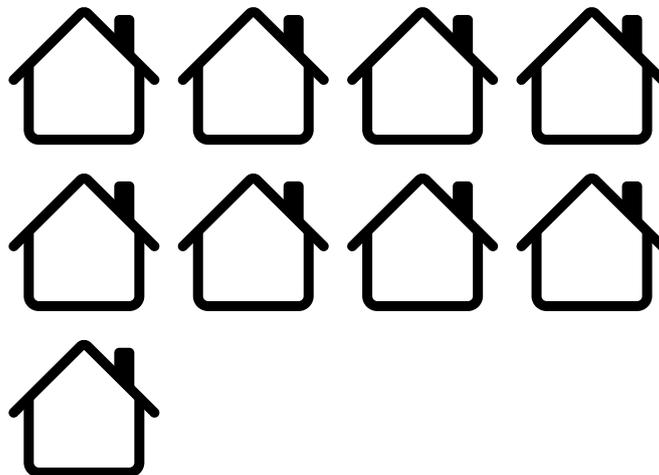
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: